

Queridos e queridas camaradas, amigos e amigas que estão hoje construindo esta 46ª Festa do Avante! Com muita satisfação estamos aqui novamente saudando essa grande celebração do Partido Comunista Português, realizada a muitas mãos, imbuída do espírito revolucionário da Revolução de Abril e catalisadora dos nossos maiores sonhos. Saudações à valorosa militância do PCP, que se mobiliza todos os anos para chegar aqui ao Seixal a partir de todas as regiões portuguesas, trazendo esses bons ventos que são exatamente os ventos do socialismo e de um mundo melhor para todos e todas. Nós, latino-americanos, agradecemos imensamente o convite que sempre é estendido a nós, para ocuparmos este espaço e dividirmos com vocês o que estamos vivendo do outro lado do Atlântico.

Eu gostaria então de saudar calorosamente as pessoas que estão aqui compondo essa mesa de debate dedicada à América Latina. Em nome do Partido Comunista do Brasil, cumprimento o camarada Luís Carapinha membro da seção internacional do PCP que está na mediação deste debate, a camarada Yusmari Diaz Perez militante do Partido Comunista de Cuba (PCC) e embaixadora de Cuba em Portugal, o camarada Jaime Cedano do Partido Comunista Colombiano, o camarada Gustavo Alvarez do Partido Comunista do Uruguai (PCU) e o companheiro Pedro Prola do Partido dos Trabalhadores (PT) Lisboa.

Camaradas, não poderíamos começar as nossas considerações sem primeiramente estender o nosso fraterno abraço, o abraço do PCdoB, ao Partido Comunista da Argentina, o nosso glorioso PCA, em nome de todo o povo argentino, para que transmitam a nossa maior solidariedade à vice-presidenta Cristina Kirchner. O povo brasileiro, os nossos partidos de esquerda, os movimentos populares do Brasil levantam a sua voz contra esse atentado covarde que tinha como objetivo tirar a vida da vice-presidenta. Queriam matar não somente Cristina, queriam matar as suas ideias, a sua liderança, o seu legado político no país e em todo o continente. Queriam matar todo o campo popular e progressista da Argentina que enfrenta o neoliberalismo e anseia por mais direitos para o nosso querido povo vizinho. Queriam matar a democracia Argentina, mas o povo agora toma as ruas do país, por todos os cantos, para defende-la. Estamos com vocês queridos irmãos e queridas irmãs.

Infelizmente, o assassino que tentou executar esse plano é um brasileiro. E infelizmente, o Brasil tem convivido sistematicamente com o aumento da violência política e dos atentados

que são fruto execrável da ascensão da extrema direita no nosso país. Foi assim que choramos todos o assassinato de Marielle Franco, líder política do Rio de Janeiro que foi executada por grupos milicianos, ligados à direita, no ano de 2018. Um crime que até hoje não foi solucionado e que encontra ligações com grupos de milícias paramilitares relacionadas à família do presidente Jair Bolsonaro. Recentemente, um desses extremistas da direita brasileira assassinou o militante do Partido dos Trabalhadores, Marcelo Arruda, em frente à sua família, durante a sua festa de aniversário. Choramos as dezenas de militantes anônimos assassinados no campo.

São episódios que demonstram a gravidade do atual cenário no nosso continente, com a constante ameaça de extremismo desses movimentos de inspiração abertamente fascista e violenta. São grupos de organização difusa, ligados a uma rede internacional da extrema direita que buscam convulsionar as democracias latino-americanas, causar a instabilidade e dessa forma consolidar o cenário para o golpismo militar, a tomada dos governos e a deposição dos poderes constituídos. Foi o que conseguiram na Bolívia, quando usaram a força armada para impedir a posse do presidente Evo Morales, legitimamente eleito pelo povo boliviano. Foi o que tentaram no Chile e na Colômbia, com a repressão criminosas das forças de segurança às manifestações populares que defendiam mais igualdade social na nossa região. Foi o que eles tentam fazer há duas décadas na Venezuela, insuflando permanentemente a instabilidade e tentando sabotar de qualquer forma as bases sociais da revolução bolivariana.

Porém, camaradas, a escalada mais aguda da violência fascista na América Latina, a nosso ver, representa um contramovimento desses grupos ao processo de retomada de poder das esquerdas pela via institucional. As últimas eleições na Argentina, com Alberto Fernández, no México com Lopez Obrador, no Peru com Pedro Castillo, na Bolívia com Luiz Arce, No Chile com Gabriel Boric e na Colômbia com Gustavo Petro representam todas a derrota dos projetos ultraliberais alinhados aos Estados Unidos, que desejavam destruir a nossa soberania. Foram derrotados nas urnas de todos esses países e, ao que tudo indica, serão derrotados agora também no Brasil, no mês de outubro, quando o povo brasileiro unificado deverá reconduzir Luís Inácio Lula da Silva à presidência da República.

A radicalização das direitas na América Latina é, portanto, sintoma do refluxo conservador diante de um novo ciclo de esperança que se anuncia no horizonte. Um ciclo marcado, entre outras coisas, pela reparação histórica de inclusão dos povos originários e da população negra aos espaços mais destacados do poder. Encantou o nosso peito, no último período, o poder da bandeira do povo indígena Mapuche a tremular no mais alto patamar das manifestações do Chile, abrindo o caminho para uma nova correlação de forças e à mudança nas estruturas de poder do país. Encantou nosso peito a grandeza da chegada da vice-presidenta da Colômbia, a ativista Francia Márquez, a primeira mulher negra a ocupar esse espaço na história do país. Encanta o nosso peito a força dos movimentos feministas que avançam cada vez mais na América Latina na conquista dos seus direitos e na afirmação das mulheres em todos os espaços. São novas formas de luta e de autorreconhecimento que fertilizam o futuro dos nossos povos.

Sabemos que, para lograr esses resultados, precisamos não somente ganhar as eleições, mas construir uma grande unidade dos movimentos de esquerda, em todo o continente, para enfrentar os anos difíceis que se seguem. O povo trabalhador latino-americano sofre hoje as terríveis consequências da crise do capitalismo, agravada pela pandemia da Covid-19 e pela falta de oportunidades oferecidas pelo modelo financeiro vigente. Somente no Brasil, convivemos hoje com a trágica marca de 33 milhões de pessoas sem ter o que comer. Um cenário que se repete em muitos dos nossos vizinhos e que precisa ser urgentemente superado a partir de uma nova política econômica que não privilegie mais os grandes bancos e as grandes corporações internacionais, mas que tenha centralidade na vida do nosso povo e nos seus direitos fundamentais.

Queremos apagar de nossa terra os resquícios venenosos das ditaduras, da violência militarizada e do massacre dos povos que resistem. Queremos reconstruir, no lugar uma rede de integração solidária entre todos os nossos países, unindo os nossos anseios em comum, aprendendo com as nossas diferenças, permitindo que se estenda, do sul da Argentina ao norte do México, os valores de uma sociedade de iguais, uma sociedade de comuns, uma sociedade comunista. Nesse percurso, contamos com a força sempre inspiradora da revolução cubana e da resistência do governo revolucionário de Cuba, amado pelo povo daquela ilha e

constantemente atacado pelos interesses do império estadunidense. A resistência de Cuba continua sendo a resistência de todos os nossos povos.

Temos na nossa América Latina uma vastidão de belezas naturais e belezas humanas que sintetiza o próprio planeta terra. Somos os povos da floresta e também os povos do deserto. Somos os povos da neve e também os povos do Caribe tropical. Estamos na imensidão de algumas das maiores metrópoles de todo o mundo, com dezenas de milhões de habitantes. E ao mesmo tempo, temos em nosso solo ainda tribos e comunidades originais intocadas, em áreas completamente remotas sem nenhum tipo de contato com a civilização ocidental. Temos laços culturais que se conectam por meio dos nossos tambores, dos nossos ritmos musicais e da cultura popular. Temos danças, cores, sabores, gostos e sonhos em comum, interconectados pelos nossos rios, pelo nosso litoral, pelas nossas montanhas e planícies. São a força da nossa existência. São a força da nossa identidade.

Queridos e queridas camaradas, a América Latina está pronta para dar ao mundo um exemplo de união e coletividade capaz de superar os poderes hegemônicos e vivificar as nossas utopias, tais quais a de Simon Bolívar e tantos outros e outras lutadoras do nosso solo. A América Latina carrega em seu útero o universo das nossas rebeldias transformadoras, o nosso gerador de energia revolucionária e amorosa. Estamos na luta para vencer a opressão histórica de nossos povos para caminhar em direção à verdadeira emancipação da nossa gente. Esse é o nosso continente. Um continente que não é somente um território geográfico. Mas um continente que é a nossa própria família.

Para encerrar, eu gostaria de citar uma música recente do artista porto-riquenho Residente. Nela, ele propõe um diálogo com o artista negro estadunidense Childish Gambino.

This is Not America

Estamos aqui

Ouçã, que estamos aqui

Olha pra mim, estamos aqui

Há um tempo, quando vocês chegaram
As pegadas dos nossos sapatos já estavam aqui
Roubaram até a comida do gato
E ainda estão lambendo o prato

Muito puto com esses ingratos
Hoje vou rufar forte os tambores
Até me acusarem de maus tratos
Se você não sabe interpretar dados
Bem, então te demonstro em cumbia
Bossa nova, tango ou vallenato

Firme como llomba e Bambu, muito Frontú
Com sangue quente tipo Timbuktu
Estamos incluídos no menu
2pac se chama 2pac pelo Túpac Amaru do Peru

A América não é apenas os Estados Unidos
Ela vai desde a Terra do Fogo até o Canadá

Esses canalhas se esqueceram que o calendário que eles usam foi inventado pelos Maias
Com a Valdívia pré-colombiana
Há muito tempo este continente já anda

Mas nem mesmo com toda a marinha
Eles conseguem jogar a peste rural pela janela

Essa aqui vai para o feitor da empresa
O facão não serve só pra cortar cana
Também serve pra cortar cabeças

Estamos aqui, estamos sempre

Nós não fomos embora, nós não vamos
Estamos aqui pra você se lembrar
Se você quiser, meu facão vai te pegar

Estamos aqui, estamos sempre
Nós não fomos embora, nós não vamos
Estamos aqui pra você se lembrar
Se você quiser, meu facão vai te pegar

Viva a Revolução Latino Americana!

Muito obrigado!